

# RUTURA CONSUMADA

## A POLÍTICA CHINESA DE BIDEN

Vasco Rato

Recentemente, Mike Pompeo afirmou que a rivalidade sino-americana é consideravelmente mais perigosa do que a competição que opôs os Estados Unidos à União Soviética durante a Guerra Fria<sup>1</sup>. A observação do antigo secretário de Estado indica que longe vão os tempos em que se considerava que o *engagement* com a República Popular da China (RPC) abriria este país ao pluralismo, à democratização e ao seu «surgimento pacífico» na cena mundial. Assente num amplo consenso bipartidário em política externa, a estratégia clintoniana de *engagement* permaneceu – ainda que com pequenas nuances e variações – virtualmente inalterada durante as administrações de Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama<sup>2</sup>. Esta abordagem conduziu os americanos – e os europeus – à conclusão de que a China teria de ser transformada num *stakeholder* na ordem liberal. Em vez de retardarem a emergência da China, americanos e europeus aceleraram-na. A desagregação da União Soviética fez implodir o consenso bipartidário na política externa americana que perdurou ao longo das décadas de Guerra Fria. Concebendo os Estados Unidos como a «nação indispensável», Bill Clinton molda um novo consenso com o intuito de alargar a «comunidade de nações livres» e, assim, tornar os Estados Unidos «mais seguros, prósperos e influentes»<sup>3</sup>. Esse novo consenso postulava que a globalização, entendida principalmente em termos da liberalização dos mercados e da extensão do comércio livre, gerava mudanças sociais que fomentavam a democracia

### RESUMO

A Presidência de Donald Trump produz uma volte-face na política chinesa dos Estados Unidos. Inicialmente centrada nas questões comerciais, particularmente nos elevadíssimos desequilíbrios do défice comercial externo, a Administração republicana evoluiu para uma posição mais confrontacional, passando por importantes iniciativas de segurança, incluindo a recuperação do Quad. Este artigo trata o primeiro ano da política chinesa de Joe Biden que demonstra uma ampla continuidade com as linhas mestras da política de Trump relativamente a Pequim.

Palavras-chave: Estados Unidos, China, Donald Trump, Joe Biden.

### ABSTRACT

#### A CLEAN BREAK BIDEN'S CHINA POLICY

Donald Trump's Presidency produces a U-turn in US Chinese policy. Initially focused on trade issues, particularly the very high external trade deficit imbalances, the Republican Administration evolves to a more confrontational position, moving through major security initiatives, including the recovery of the Quad. This article focuses on the first year of Joe Biden's



China policy that demonstrates broad continuity with the main lines of Trump's policy toward Beijing.

*Keywords:* United States, China, Donald Trump, Joe Biden.

e, nessa medida, consolidavam a segurança nacional americana. Em resultado desta leitura, a Rússia e a China, caracterizadas pelo Presidente Clinton como os «nossos ex-adversários», seriam absorvidas pelo «sistema internacional como nações abertas, prósperas e estáveis»<sup>4</sup>. Com efeito, o *engagement* com a RPC, incluindo os investimentos americanos no mercado chinês, promoveria a emergência da democracia na própria China. Na medida em que interesses e princípios coincidiam, nenhuma contradição existia entre a promoção da democracia e a satisfação dos interesses vitais da América e do Ocidente, em geral<sup>5</sup>.

A Presidência de Donald Trump produz uma volte-face na política chinesa dos Estados Unidos. Inicialmente centrada nas questões comerciais, particularmente nos elevadíssimos desequilíbrios do défice comercial externo, a Administração republicana evolui para uma posição mais confrontacional, passando por importantes iniciativas de segurança, incluindo a recuperação do Quad<sup>6</sup>. Quando Trump abandona a Casa Branca, a rivalidade entre os países era de natureza global. Frequentemente tida como excepcional, essa orientação espelhava as novas realidades internacionais e pretendia responder à crescente assertividade do poderio chinês. A abordagem de Trump expressa, portanto, mudanças estruturais no sistema internacional e não apenas os caprichos de um presidente que rompera com a «normalidade» do pós-Guerra Fria, que seria rapidamente repostas. Com efeito, o primeiro ano da política chinesa de Joe Biden – o tema deste artigo – demonstra uma ampla continuidade com as linhas mestras da política de Trump relativamente a Pequim.

## **A VIRAGEM DE TRUMP**

Coube a Donald Trump desfazer o «consenso da China» e romper com as expectativas benignas subjacentes ao *engagement*. Decidido a reverter o «declínio» nacional e em «tornar a América novamente grande», delineou as suas prioridades de política externa no discurso de lançamento da sua candidatura à nomeação presidencial do Partido Republicano: o fim da imigração ilegal, a revisão ou abandono dos acordos de livre comércio, a reversão da desindustrialização e a recuperação dos postos de trabalho americanos, o combate ao terrorismo e uma política exterior liberta do tradicional elitismo político-cultural do *establishment* entrincheirado nas universidades, *think tanks* e agências federais<sup>7</sup>.

Talvez inesperadamente, Trump não culpabilizava a China pela devastação industrial associada à globalização, pois considerava que o país simplesmente prosseguia os seus interesses vitais. Responsabiliza Obama por não ter revisto ou abandonado os acordos internacionais «injustos» da década de 1990 que provocaram o declínio americano e, ao mesmo tempo, denuncia os obstáculos à entrada das empresas americanas no mercado chinês: as barreiras e práticas discriminatórias, as transferências forçadas de

tecnologia, o furto da propriedade intelectual e a ausência de reformas no setor estatal. Setenta anos após a abolição dos «tratados desiguais» impostos à China durante o «século da humilhação», um presidente americano clama contra «tratados injustos» e exige, antes de mais, reciprocidade no âmbito do comércio bilateral.

Previsivelmente, no terceiro dia do seu mandato, Trump abandona as conversações em volta da Parceria Transpacífico (TPP), cumprindo assim uma promessa de campanha, feita a 6 de junho de 2016, quando caracteriza a proposta como «outro desastre impulsionado por interesses especiais que desejam estuprar o nosso país, apenas um estupro contínuo do nosso país. É o que é isso. É uma palavra dura: é uma violação do nosso país»<sup>8</sup>. Mas a revisão das relações sino-americanas não se restringia ao comércio internacional. Dias depois de derrotar Hillary Clinton nas eleições de novembro de 2016, Trump aceita uma chamada telefónica de Tsai Ing-wen, Presidente da Formosa, tratando-a como um chefe de Estado e não como a líder de uma «província chinesa»<sup>9</sup>. No seguimento da normalização das relações entre a China e os Estados Unidos, em 1979, nenhum outro presidente falara diretamente com o mais alto responsável taiwanês. Pequim mal poderia ignorar tão explícito sinal, até porque, durante a campanha, Trump afirmara não compreender a necessidade de manter a política da «China única», a menos que fosse viável negociar outros assuntos, inclusive comerciais, com o Governo comunista<sup>10</sup>. Com efeito, admitia a possibilidade de abandonar o *statu quo* que orientava a política de Washington desde a histórica reunião entre Richard Nixon e Mao Tsé-Tung, em fevereiro de 1972<sup>11</sup>.

A assertividade de Trump espelha o *Zeitgeist* americano, identificado num inquérito da Pew Research realizado em agosto de 2019. A pesquisa revelava que 60% da população deixara de ter uma perceção benigna da China e 24% indicava que o país era a maior ameaça enfrentada pelos Estados Unidos<sup>12</sup>. A mudança será visível aquando do lançamento da Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos da América, em dezembro de 2017, que define a RPC como um «concorrente» e uma «potência revisionista»<sup>13</sup>. Sem margem para ambiguidade, o documento proclama que

«a China e a Rússia desafiam o poder, a influência e os interesses americanos numa tentativa de minar a segurança e a prosperidade americanas. Estão determinados a tornar as economias menos livres e menos justas, aumentar as suas forças armadas e controlar informações e dados para reprimir as suas sociedades e expandir a sua influência»<sup>14</sup>.

A emergência da China exige, pois, uma resposta estratégica que passa pela reconfiguração das alianças e a securitização das relações comerciais e tecnocientíficas.

A Administração Biden evita descontinuidades com a política chinesa trumpiana. A este propósito, à saída da cimeira do Alasca, o secretário de Estado Antony Blinken resumiu a perspetiva dos novos governantes nos seguintes termos: a «nossa relação com a China será competitiva onde deve ser, colaborativa onde pode ser, adversativa onde terá

de ser»<sup>15</sup>. Um ano depois da tomada de posse de Biden, sobressai a rivalidade e o confronto, mas escasseia a cooperação. Há, por outro lado, uma nítida tensão entre o confronto que caracterizou o relacionamento sino-americano ao longo do último ano e a preferência da

HÁ UMA NÍTIDA TENSÃO ENTRE O CONFRONTO QUE CARACTERIZOU O RELACIONAMENTO SINO-AMERICANO AO LONGO DO ÚLTIMO ANO E A PREFERÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO BIDEN POR ALIANÇAS E PELO MULTILATERALISMO.

Administração Biden por alianças e pelo multilateralismo. Sendo certo que o rumo do relacionamento não será determinado exclusivamente pela parte americana, dir-se-á que, com o avançar do tempo, a política chinesa de Biden tornar-se-á menos conflituosa ou, alternativamente, mais unilateral.

### **A CAMINHO DE ANCHORAGE**

Quando Joe Biden assume a presidência dos Estados Unidos, não era líquido que optasse pela manutenção das linhas mestras da política chinesa de Trump<sup>16</sup>. Até porque, durante a campanha eleitoral, o candidato democrata expressara reservas sobre a leitura feita pelo seu adversário quanto ao desafio colocado pela RPC. Por exemplo, em maio de 2019, Biden critica a guerra comercial de Donald Trump, afirmando que a China, em resultado do seu sistema político, não era «concorrência para nós»<sup>17</sup>. Não obstante as ambiguidades da campanha, no dia em que Biden se instala na Sala Oval, Antony Blinken e Janet Yellen – indigitados para os cargos de secretário de Estado e secretária do Tesouro – indicam que o Presidente iria prosseguir um caminho multilateral, em articulação próxima com os aliados asiáticos e europeus<sup>18</sup>.

Biden sinaliza que não se afastará das linhas gerais da política chinesa de Trump e adia a sua primeira conversa telefónica com Xi Jinping. Em 10 de fevereiro, quando finalmente realiza a chamada, expressa as suas «profundas preocupações com as práticas económicas coercivas e injustas de Pequim, a repressão em Hong Kong, os abusos dos direitos humanos em Xinjiang e as ações cada vez mais assertivas na região, inclusive em relação a Taiwan»<sup>19</sup>. O Presidente chinês responde que, «embora os dois lados possam divergir em algumas questões, é crucial mostrar respeito mútuo, tratamento igual e lidar adequadamente com as diferenças e geri-las de forma construtiva», acrescentando que a questão de «Taiwan e assuntos relacionados com Hong Kong, Xinjiang, etc., são assuntos internos da China e dizem respeito à soberania e integridade territorial da China, e o lado americano deve respeitar os interesses centrais da China e agir com prudência»<sup>20</sup>. Delimitaram-se, deste modo, os parâmetros da relação bilateral para os anos mais próximos.

Com efeito, as primeiras indicações quanto às linhas mestras da política chinesa da nova Administração emergem com a publicação da *Orientação Estratégica de Segurança Nacional Interina*, um «roteiro» provisório que aponta três prioridades: a proteção da segurança do povo americano, a expansão das oportunidades e da prosperidade económica e a defesa dos valores democráticos que sustentam o estilo de vida americano.

À semelhança de Trump, Biden identifica a China, a Rússia, a Coreia do Norte e o Irão como adversários geoestratégicos. Desaparece do documento a ingenuidade dos anos Obama quanto à «construção de parcerias mais profundas e eficazes com outros centros de influência», como a China e a Rússia<sup>21</sup>. Em contrapartida, constata-se que a China se tornara mais «assertiva» e que Pequim e Moscovo definiam estratégias «para nos impedir de defender os nossos interesses, e os dos nossos aliados, em todo o mundo»<sup>22</sup>. Para diferenciar Biden do seu antecessor, o «roteiro» proclama que «a América está de volta» e assegura que o novo Presidente reafirmará a liderança internacional dos Estados Unidos por meio do reforço das alianças e do multilateralismo<sup>23</sup>. Relegada a uma prioridade secundária pela Estratégia de Segurança Nacional de Trump, a defesa da democracia e dos direitos humanos surge como um dos pilares estruturantes da política chinesa de Biden. Porque passa a ser entendida como uma contenda entre a democracia e o autoritarismo, a rivalidade sino-americana assume contornos universais. Traçadas as linhas de orientação estratégica da nova Administração, iniciam-se as consultas com os aliados asiáticos antes da realização do primeiro encontro de alto nível com a China, marcado para os dias 18 e 19 de março de 2021, em Anchorage, no Alasca. Nas vésperas da deslocação oficial à Ásia, os secretários de Estado e da Defesa publicam um esclarecedor artigo no *The Washington Post*, no qual afirmam que tencionam levar ao Indo-Pacífico a garantia de que

«os Estados Unidos estão agora a dar um grande impulso para revitalizar os nossos laços com amigos e parceiros – tanto nas relações bilaterais como nas instituições multilaterais – e para renovar o compromisso com os nossos objetivos, valores e responsabilidades compartilhadas»<sup>24</sup>.

Reiteram que as alianças são «multiplicadoras de força» e, por isso, seria «um grande erro estratégico negligenciar essas relações»<sup>25</sup>. Alegando a existência de um «debate fundamental» sobre «se a democracia ou a autocracia oferece o melhor caminho», apelam à unidade entre os países democráticos e salientam que a defesa dos valores pluralistas far-se-á «onde quer que sejam desafiados»<sup>26</sup>. Dado que o «Indo-Pacífico é cada vez mais o centro da geopolítica global», concluem que é do interesse americano que a região «seja livre e aberta, ancorada no respeito pelos direitos humanos, a democracia e o Estado de direito»<sup>27</sup>.

Não menos importante, Blinken e Austin observam que alguns Estados «procuram desafiar a ordem internacional» e que «a China em particular está disposta a usar a coerção para conseguir o que pretende»<sup>28</sup>. Perante este desafio aos alicerces da ordem internacional, sustentam que a China será responsabilizada por «violar os direitos humanos em Xinjiang e no Tibete, corroer sistematicamente a autonomia de Hong Kong, abalar a democracia em Taiwan e afirmar reivindicações marítimas no mar do Sul da China que violam o Direito Internacional»<sup>29</sup>. A publicação do artigo coincide

com declarações prestadas no Congresso pelo comandante do Pacífico, o almirante Phil Davidson, avisando que a China poderia tentar assumir o controlo de Taiwan em seis anos porque ambiciona «suplantar os Estados Unidos e o nosso papel de liderança

FICAVA ASSIM CLARO QUE, NA ÓTICA DA NOVA ADMINISTRAÇÃO, A CHINA REPRESENTAVA UM DESAFIO GLOBAL À ORDEM INTERNACIONAL LIBERAL CRIADA PELOS ESTADOS UNIDOS E PELOS SEUS ALIADOS EUROPEUS E ASIÁTICOS NA SEQUÊNCIA DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

na ordem internacional baseada em regras, que eles há muito dizem que querem fazer até 2050»<sup>30</sup>. Ficava assim claro que, na ótica da nova Administração, a China representava um desafio global à ordem internacional liberal criada pelos Estados Unidos e pelos seus aliados europeus e asiáticos na sequência da Segunda Guerra Mundial.

Escassos dias antes da reunião de Anchorage, o oficioso *Global Times* publica um editorial a admoestar Washington por usar os aliados do Indo-Pacífico como «baluartes» contra a China e a desvalorizar as visitas de Blinken e Austin à Coreia do Sul e ao Japão<sup>31</sup>. Afirma que «o que Washington vê como uma ameaça real é o crescente desenvolvimento económico da China», acrescentando que os americanos estavam «iludidos» ao pensarem que «os problemas dos Estados Unidos eram principalmente culpa da China, e que a contenção e o *decoupling* da China restauraria o domínio absoluto dos Estados Unidos no mundo»<sup>32</sup>. Insiste que os verdadeiros problemas dos Estados Unidos resultam do «declínio da sua competitividade na era da globalização», da circunstância de estarem «demasiadamente viciados na hegemonia militar e financeira» e da diminuição da «celeridade na inovação e ao facto de os seus trabalhadores – como um todo – se estarem a tornar preguiçosos»<sup>33</sup>. Concluía que o país «enfrentará problemas no longo prazo se continuar assim»; isto é, se não arrear caminho no relacionamento com Pequim<sup>34</sup>. A 17 de março de 2021, um dia antes do início dos trabalhos em Anchorage, interrogado sobre o propósito das visitas ao Japão e à Coreia do Sul, Lloyd Austin diz que as consultas se inserem num esforço mais vasto que visa «assegurar que possamos ter as capacidades e os planos operacionais para apresentar uma dissuasão credível à China ou a qualquer outro país que queira desafiar os Estados Unidos»<sup>35</sup>. Blinken, por sua vez, critica a agressão de Pequim e instiga Seul e Tóquio a trabalharem com Washington de modo a prevenir uma «perigosa erosão da democracia» na região<sup>36</sup>. Dito de forma diferente, sugeria que a expansão do poderio chinês acarretava consigo o perigo da lógica de *bandwagoning*; isto é, de alguns aliados sucumbirem à tentação de se aliarem com a potência emergente de forma a maximizar ganhos<sup>37</sup>. A mensagem transmitida por Blinken e Austin era inequívoca: Washington entendia a sua rede de alianças no Indo-Pacífico como uma mais-valia na competição com Pequim e, por conseguinte, tencionava reforçá-las a fim de solidificar uma coligação suficientemente coesa para contrariar a crescente afirmação do poderio chinês.

No mesmo dia em que Blinken e Austin comunicam as intenções da nova Administração, Washington impõe novas sanções punitivas a 24 dirigentes chineses diretamente

ligados à repressão do movimento pró-democracia em Hong Kong<sup>38</sup>. Instituições financeiras estrangeiras que com eles realizam transações passariam a estar sujeitas a sanções. Também nesse mesmo dia, invocando preocupações relativas à segurança nacional, o regulador das telecomunicações – a Federal Communications Commission (FCC) – abre uma averiguação a fim de determinar se as licenças comerciais da China Unicom Americas, da Pacific Networks e da ComNet deveriam ser revogadas. Já antes, em dezembro de 2020, a FCC iniciara um processo semelhante destinado a revogar a autorização da China Telecom (Americas) – a maior empresa estatal chinesa de telecomunicações – para operar no mercado americano, atribuída em 2007. Confrontado com estes reveses, o embaixador chinês em Washington, Cui Tiankai, adverte que a «pressão unilateral e as sanções apenas levam a um beco sem saída» e apela à «comunicação bilateral construtiva» em Anchorage<sup>39</sup>.

Mas as profundas divergências entre Washington e Pequim provocam recriminações mútuas durante a primeira sessão da cimeira do Alasca. Com efeito, as partes trouxeram para o encontro expectativas largamente irreconciliáveis. Antes da reunião, Jake Sullivan, diretor do Conselho de Segurança Nacional, admite que a reunião permitia-lhe dirigir-se a Pequim a partir de «uma posição de força», mas insiste que não se tratava de retomar um processo de diálogo com a parte chinesa<sup>40</sup>. Com efeito, Blinken e Sullivan entendem a cimeira como um *one-off* que lhes proporciona uma oportunidade de confrontar os chineses com as preocupações americanas referentes ao retrocesso da democracia em Hong Kong, aos abusos dos direitos humanos em Xinjiang, às tensões no estreito de Taiwan, à coerção económica contra a Austrália e às incursões chinesas nas águas disputadas com o Japão. Eram estes os assuntos que teriam de ser cabalmente esclarecidos antes que se pudesse equacionar melhorias na relação bilateral.

O monumental fosso de expectativas quanto à natureza da cimeira seria igualmente evidenciado pelo porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros chinês, Zhao Lijian. Este afirma que, «a convite dos Estados Unidos», a China «terá um diálogo estratégico de alto nível com o lado americano nos próximos dias» tendente a definir o caminho para retomar o *engagement*<sup>41</sup>. Zhao explicitou que o entendimento do seu país quanto ao significado de «laços normais» exigia que «os dois lados se devem respeitar e tratar como iguais, melhorar o entendimento mútuo por meio do diálogo, administrar e dissolver as diferenças e trazer as relações China-Estados Unidos de volta ao caminho certo»<sup>42</sup>. Representada em Anchorage por Yang Jiechi e Wang Yi, Pequim considerava que o encontro proporcionaria uma oportunidade para as partes redefinirem o seu relacionamento bilateral e, em consequência, articularem os contornos de uma nova ordem internacional coincidente com os valores e os interesses essenciais da RPC. Enquanto Pequim solicitava uma ampla redefinição das relações bilaterais, Washington retorquia que qualquer eventual mudança pressupunha alterações ao comportamento chinês porque, na ótica de Blinken, a atuação de Pequim «ameaça a ordem baseada em regras que mantêm a estabilidade global»<sup>43</sup>. Uma vez que na ausência dessas regras o

mundo seria «muito mais violento e instável», as preocupações levantadas pelos Estados Unidos não eram «meramente internas»; isto é, assuntos exclusivos da soberania chinesa<sup>44</sup>. Se – pelo menos formalmente – os líderes chineses esperavam restaurar a «normalidade» no relacionamento bilateral das décadas anteriores, era patente que as visões chinesa e americana quanto à ordem internacional não coincidiam.

## DE ANCHORAGE A CABUL

Durante a sessão de abertura da Cimeira de Anchorage, no dia 18 de março, Blinken deixava claro que Administração Biden considerava a China como o seu maior rival geopolítico e voltava a manifestar as suas «profundas preocupações com as ações da China, incluindo em Xinjiang, Hong Kong, Taiwan, ataques cibernéticos aos Estados Unidos, coerção económica contra os nossos aliados»<sup>45</sup>. Em resposta, Yang Jiechi acusa os Estados Unidos de «condescendência» e de usarem o seu poderio militar e financeiro para obstruir os fluxos comerciais e incitar o sentimento anti-China<sup>46</sup>. Em resumo, diz que «não acreditamos em invadir pelo uso da força, ou derrubar outros regimes por vários meios, ou massacrar pessoas de outros países, porque tudo isso só causaria turbulência e instabilidade neste mundo»<sup>47</sup>. Assim se condenava a política externa hegemónica dos Estados Unidos do período de unipolaridade pós-Guerra Fria. Por último, a delegação chinesa invoca as manifestações do Black Lives Matter e o legado

AS TENSÕES SINO-AMERICANAS AGUDIZAM-SE NA SEQUÊNCIA DA CALAMITOSA RETIRADA DAS FORÇAS OCIDENTAIS DO AFGANISTÃO. POUCO DEPOIS JOE BIDEN RELANÇA O «PIVÔ PARA A ÁSIA» ATRAVÉS DO AUKUS.

do «racismo institucional», abertamente assumido pela Administração Biden, para apontar a hipocrisia americana no campo dos direitos humanos<sup>48</sup>. Genericamente, são admitidas discordâncias fundamentais em relação a Hong Kong, Xinjiang, Tibete e Taiwan, mas as partes também identi-

cam algumas áreas em que se admitia prosseguir uma cooperação limitada, nomeadamente no tocante às alterações climáticas e aos desafios geopolíticos relacionados com o Irão, a Coreia do Norte, Mianmar e o Afeganistão<sup>49</sup>.

As tensões sino-americanas agudizam-se na sequência da calamitosa retirada das forças ocidentais do Afeganistão. Conduzida na ausência de consultas substanciais com os aliados europeus e asiáticos, a evacuação do contingente americano não podia deixar de gerar tremendas desconfianças junto dos aliados, particularmente de Taiwan. No decorrer do caótico processo afegão, o officioso *Global Times* avisa os taiwaneses dos perigos inerentes à sua dependência em relação a Washington. Os editorialistas argumentam que Tsai Ing-wen e os «separatistas» que a acompanham «deveriam estar nervosos e ter um pressentimento sinistro. Deveriam, no seu íntimo, ter sabido que os Estados Unidos não são confiáveis», concluindo que os acontecimentos no Afeganistão devem levar os dirigentes de Taiwan a «perceber que assim que rebente uma guerra no estreito, a defesa da ilha colapsará em horas e os militares dos Estados Unidos não



ajudarão»<sup>50</sup>. Abalada a credibilidade das garantias de segurança americanas, Blinken, chamado ao Congresso para esclarecer a retirada afegã, vê-se forçado a reiterar os tradicionais compromissos americanos inscritos no Taiwan Relations Act de 1979<sup>51</sup>. Pouco depois, em 15 de setembro de 2021, Joe Biden relança o «pivô para a Ásia» através de um novo pacto de segurança no Indo-Pacífico – o Aukus –, englobando os Estados Unidos, o Reino Unido e uma Austrália fustigada pelo constante *bullying* chinês. Na cerimônia virtual em que participam os primeiros-ministros britânico Boris Johnson e australiano Scott Morrison, o Presidente americano afirma que o Aukus configura uma aposta «na nossa maior fonte de força – as nossas alianças», que diz pretender atualizar de forma a «melhor enfrentar as ameaças de hoje e de amanhã» e a «conectar de formas novas» os aliados dos Estados Unidos<sup>52</sup>. No Parlamento britânico, Boris Johnson reconhece tratar-se de um «novo pilar de uma estratégia que demonstra o compromisso de gerações da Grã-Bretanha com a segurança do Indo-Pacífico»<sup>53</sup>. Morrison, por sua vez, anuncia estar disponível para discutir a iniciativa com Xi Jinping, mas a adesão ao pacto significava que Camberra tomara o partido dos Estados Unidos contra a China no Indo-Pacífico, abandonando, assim, a estratégia de *hedge* que levava Kevin Rudd a retirar o país do Quad em 2008<sup>54</sup>.

Nenhum dos três líderes explicitou a natureza das «ameaças» que justificam a criação do pacto. Dir-se-á que não era necessário fazê-lo porque era evidente que o Aukus consubstanciava uma resposta à assertividade da RPC e ao incremento das suas capacidades militares. Em resultado do acordo, a partir de 2040, Camberra terá uma frota de submarinos nucleares para patrulhar a região, incluindo o mar do Sul da China, onde Pequim reivindica uma vasta área dentro da «linha de nove traços» que unilateralmente demarcara<sup>55</sup>. No âmbito do pacto, prevê-se a partilha de conhecimento e inovação em áreas como sejam a inteligência artificial, a cibernética e a computação quântica. Há, pois, a consciência de que a rivalidade com a China passa pela concorrência técnico-científica que, aliás, se vislumbra nos projetos e nas prioridades da Belt and Road Initiative.

A reação chinesa ao pacto não tardou. Pela voz de Zhao Lijian, o Ministério dos Negócios Estrangeiros declara que o fornecimento de tecnologia nuclear à Austrália era «altamente irresponsável», até porque fora o país que provocara o colapso das relações bilaterais<sup>56</sup>. Zhao afirma também que o Aukus «mina seriamente a paz e a estabilidade regionais, agrava a corrida às armas e prejudica os esforços internacionais de não proliferação»<sup>57</sup>. No dia seguinte, o Ministério do Comércio da China comunicava que iria solicitar a adesão ao Acordo Abrangente e Progressivo para Parceria Transpacífico (CPTPP), constituído por 11 países na sequência do abandono da TTP por Donald Trump<sup>58</sup>. Depois de ter aderido à Parceria Económica Regional Abrangente (RCEP), Pequim sinaliza, desta forma, a sua determinação em atrair os aliados dos Estados Unidos para a sua órbita geoestratégica e em fomentar coligações para disputar a liderança global de Washington<sup>59</sup>.

O Livro Branco de Defesa de 2019 descreve o Exército de Libertação Popular como «uma força firme em prol da paz mundial, da estabilidade e da construção de uma comunidade de destino comum para a humanidade»<sup>60</sup>. Enfatizando as intenções benignas do país, a caracterização visa tranquilizar os Estados vizinhos receosos do crescimento do poderio militar chinês. Em resposta a estas realidades e anseios, a Administração Trump formulou uma estratégia para o Indo-Pacífico que define a RPC como uma potência «revisionista» que não defende os princípios fundamentais da ordem regional<sup>61</sup>. É justamente neste quadro que se recupera o Quad, entendido como um componente de uma estratégia mais vasta que congrega os Estados democráticos da região sob a liderança de Washington para responder a um desafio comum: lidar com a liderança económica da China na região e, ao mesmo tempo, resistir à sua assertividade geoestratégica.

Na Cimeira da ASEAN de 2017, Malcolm Turnbull, Shinzō Abe, Narendra Modi e Donald Trump acordaram em retomar o diálogo quadrilateral. A assertividade de Xi Jinping, as rivalidades no mar do Sul da China e o uso da Belt and Road Initiative para consolidar posições em países vizinhos impulsionam o renascimento do Quad de modo a salvaguardar os valores políticos comuns e a conservar a ordem regional. Porém, a principal razão que explica a reativação do Quad prende-se com a mudança de orientação definida pela Estratégia de Segurança Nacional de Trump, que apela ao «aumento da cooperação quadrilateral com o Japão, a Austrália e a Índia»<sup>62</sup>. Esta decisão de voltar a «engajar» com a região ocorreu depois de Trump abandonar a Parceria Transpacífico, uma decisão que suscitou dúvidas substanciais quanto ao compromisso de Washington com a ordem regional<sup>63</sup>. Independentemente das ambiguidades, dos avanços e dos recuos, o incremento da cooperação quadrilateral reflete as profundas alterações no ambiente estratégico vivido no Indo-Pacífico.

### **TAIWAN: O PERIGO PRINCIPAL**

Previsivelmente, Pequim utilizou as dificuldades enfrentadas pela Administração Biden no Afeganistão para minar a credibilidade do rival no Indo-Pacífico e, em particular, junto do Governo da Formosa. Dir-se-á que o Indo-Pacífico é hoje a mais perigosa região do planeta, sendo o mar do Sul da China e Taiwan os locais onde os riscos de um confronto militar com a China são mais patentes. Designando Taiwan como uma «província renegada», o Livro Branco de Defesa (A Defesa Nacional da China numa Nova Era) de 2019 afirma que «não fazemos promessas de renunciar ao uso da força, reservando a opção de tomar todas as medidas necessárias» para impedir a eventual independência do território<sup>64</sup>. Esta componente militar do «Sonho Chinês» de Xi Jinping ficou cabalmente expressa no documento, em que se intimava o Governo de Taipé, chefiado pelo Partido Democrático Progressista, a não quebrar o Consenso de 1992 e o princípio de «uma China única» nele consagrado<sup>65</sup>. Acusa-se Taiwan de preconizar uma independência gradual – uma independência *de jure* – e de intensificar a «hostilidade e o con-

fronto» e de recorrer «à proteção da influência estrangeira». Em consequência, conclui-se que as «forças separatistas [taiuanesas] continuam a ser a ameaça mais imediata e grave para a paz e a estabilidade no estreito de Taiwan e a maior barreira que impede a reunificação pacífica do país»<sup>66</sup>. Quanto à resolução da contenda que remonta à derrota dos «nacionalistas» de Chiang Kai-shek em 1949, o documento estipula que «a reunificação completa do país é do interesse fundamental da nação chinesa e é essencial para a realização do rejuvenescimento nacional», ou seja, para cumprir a ambição de Xi e do Partido Comunista Chinês (PCC) de transformar a China na maior das potências mundiais.

Com efeito, este projeto de «rejuvenescimento nacional» articulado por Xi permanecerá incompleto a menos que Pequim consiga concretizar a «reunificação» até 2049, ano do

centenário da proclamação da República Popular. A fim de assegurar este objetivo, e com o intuito de reforçar a legitimidade do regime comunista através da mobilização do nacionalismo, Xi tem intensificado a pressão militar sobre Taipé através do desenvolvimento de um arsenal de mísseis capazes de atingir a ilha, de incur-

XI TEM INTENSIFICADO A PRESSÃO MILITAR SOBRE TAIPE ATRAVÉS DO DESENVOLVIMENTO DE UM ARSENAL DE MÍSSEIS CAPAZES DE ATINGIR A ILHA, DE INCURSÕES AÉREAS E DE EXERCÍCIOS NAVAIS QUE PROCURAM INTIMIDAR AS AUTORIDADES DA FORMOSA.

sões aéreas e de exercícios navais que procuram intimidar as autoridades da Formosa. A nível internacional, a influência diplomática e económica da RPC tem sido implacavelmente empregue para isolar a ilha. Todavia, com o passar do tempo, e à medida que os taiuaneses desenvolvem uma identidade distinta, o sentimento independentista aprofunda-se e torna a reunificação crescentemente problemática.

O inegável sucesso económico e político da Formosa refuta as previsões do PCC quanto à impossibilidade da existência de uma sociedade capitalista e democrática em solo chinês; isto é, Taiwan confirma que há outro caminho para além do modelo de desenvolvimento traçado pelo PCC. Ano após ano torna-se mais difícil alegar que a democracia taiuanesa carece de legitimidade, particularmente quando Pequim anula as liberdades consagradas no estatuto especial atribuído a Hong Kong no âmbito do acordo de transferência de soberania, o modelo que seria estendido à Formosa após a eventual reunificação. Daí que a repressão ordenada por Xi em Hong Kong aumente a perceção de vulnerabilidade em Taipé e acentue o distanciamento entre os dois lados do estreito. Enquanto Pequim enquadra a questão de Taiwan em termos de separatismo, o ceticismo dos taiuaneses quanto à viabilidade do modelo de «um país, dois sistemas» aprofunda-se durante os primeiros meses de 2020<sup>67</sup>.

Contrariando as expectativas de Pequim, a interpenetração económica entre Taiwan e a RPC das últimas décadas não aproximou as partes. Taiwan é hoje um elo importante nas cadeias de valor internacionais e a sua integração forçada na República Popular não pode ser concretizada a menos que Pequim esteja preparada para sofrer significativas

perturbações económicas e isolamento diplomático. Atendendo às opções limitadas disponíveis, as autoridades comunistas não abandonam a sua retórica beligerante e a pressão militar. Incapaz de assegurar a unificação, exceto pelo uso da força, Xi pode sucumbir à tentação de invadir a ilha se os Estados Unidos sinalizarem que se absterão de auxiliar Taiwan. Evitar a guerra exige, pois, que Washington mantenha uma postura estratégica robusta na região, particularmente no mar do Sul da China e no mar do Leste da China, onde a assertividade chinesa, se não for firmemente combatida, levará Pequim a concluir que um ataque militar à Formosa não acarretará custos elevados.

As manobras intimidatórias estiveram em evidência no fim de semana em que a RPC celebrou o aniversário da sua fundação. No dia 1 de outubro, Pequim ordenou a primeira de uma série de incursões aéreas na zona de identificação de defesa aérea (ZIDA) de Taiwan. Confrontado com a investida militar, o Departamento de Estado americano emitiu um comunicado em que se afirma que os Estados Unidos «estão muito preocupados» com as manobras «provocatórias» de Pequim, caracterizando-as como uma ação «desestabilizadora, que corre o risco de erros de cálculo e mina a paz e a estabilidade regionais»<sup>68</sup>. Apela-se ao fim da «pressão militar, diplomática e económica e da coerção» contra a ilha, acrescentando que «manteremos os nossos compromissos» e «continuaremos a ajudar Taiwan a manter uma capacidade de autodefesa suficiente»<sup>69</sup>. Embora não exista um tratado de defesa bilateral com Taipé, Washington reitera que os compromissos consagrados no Taiwan Relations Act permanecem «sólidos como uma rocha». Aliás, já em março de 2021, Antony Blinken expressara preocupação com a assertividade da PRC em relação à Formosa, avisando que seria um «erro grave» se alguma potência agisse para modificar o *statu quo* no estreito de Taiwan<sup>70</sup>.

Particularmente incisivo, o comunicado do Departamento de Estado causa profundo desgosto em Pequim. As autoridades comunistas respondem por meio de um editorial no *Global Times*, em que se afirma que a expressão «sólidos como uma rocha» poderia «enganar e apaziguar as forças radicais na ilha de Taiwan, mas nunca pode deter» Pequim, que «continuará resolutamente a fortalecer a sua preparação militar para obter uma influência decisiva e avassaladora para finalmente resolver a questão de Taiwan»<sup>71</sup>. Explicitada esta determinação, o editorial aconselha os habitantes da ilha a «não acreditarem na promessa “sólida como uma rocha” dos Estados Unidos, porque Washington jamais lutará até à morte com a China pela secessão da ilha»<sup>72</sup>. Na ótica dos articulistas, os Estados Unidos apenas «pretendem criar o maior obstáculo à ascensão da China, jogando a “carta de Taiwan”, mas esta não é a carta de vida ou morte que os Estados Unidos defenderão independentemente dos custos e das vidas»<sup>73</sup>. Mais uma vez, lançava-se a suspeita quanto à *reliability* das garantias de segurança de Washington, contrastada com a vontade férrea de Pequim de reunificar o país.

No clima de incerteza que emerge após a retirada do Afeganistão, era necessário deixar claro que uma investida militar contra a Formosa poderia desencadear uma catastrófica guerra regional. No seguimento da *débaclé* afegã, a credibilidade dos

Estados Unidos como aliado – e, sobretudo, as suas garantias de segurança – não se coadunavam com eventuais hesitações e ambiguidades no estreito de Taiwan. Ao mesmo tempo, a dureza da posição americana indica que as tentativas de Biden de apaziguar Pequim – durante um telefonema com Xi reafirma a política da «China única» e no discurso proferido na Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2021 faz uma veemente rejeição de uma nova Guerra Fria – não surtiram efeito. A confirmar esse insucesso, um dia depois da publicação do comunicado do Departamento de Estado, um número ainda maior de caças e bombardeiros, alguns dos quais com capacidade nuclear, penetraram a ZIDA taiwanesa.

Mantém-se, portanto, o *modus vivendi* no estreito porque as partes não vislumbram uma alternativa que possa salvaguardar o seu prestígio e credibilidade. Xi ordenará a invasão da ilha se os responsáveis taiwaneses declararem a independência, mesmo que tal decisão signifique a guerra com os Estados Unidos. Eis a linha vermelha estabelecida por Pequim que em circunstância alguma poderá ser ultrapassada. É certo que Xi pode sucumbir à tentação de invadir se os Estados Unidos sinalizarem alguma relutância quanto à defesa da ilha.


Evitar a guerra exige, portanto, que os americanos mantenham uma postura estratégica credível, complementada por aliados regionais preparados para colmatar a assertividade e as manobras intimidatórias chinesas. As alianças – o Quad, o Aukus, bem como as bilaterais com a Austrália, o Japão e a Coreia do Sul – destinam-se a convencer Pequim de que uma investida militar na Formosa acarretará uma resposta americana. Todavia, a China não pode diminuir as pressões no estreito sob pena de comprometer o prestígio e a credibilidade das autoridades comunistas. Eis uma dinâmica repleta de perigos, pois a possibilidade de erros de cálculo que, inadvertidamente, podem terminar em guerra aumenta consideravelmente.

EVITAR A GUERRA EXIGE, PORTANTO,  
QUE OS AMERICANOS MANTENHAM UMA POSTURA  
ESTRATÉGICA CREDÍVEL, COMPLEMENTADA  
POR ALIADOS REGIONAIS PREPARADOS  
PARA COLMATAR A ASSERTIVIDADE  
E AS MANOBRAS INTIMIDATÓRIAS CHINESAS.

## CONCLUSÃO

A cimeira do Alasca demonstrou que as relações sino-americanas não regressão à «normalidade» do *engagement* do pós-Guerra Fria. Assiste-se, em larga medida, à continuação das linhas mestras da política chinesa determinadas pela Administração Trump. No âmbito da segurança, a revisão da política militar a decorrer no Departamento de Defesa recomendará a transferência de recursos militares do Médio Oriente para o Indo-Pacífico. Crescentemente focada nesta última região, a Administração Biden também tem aprofundado os contactos de alto nível com a Formosa, fornecendo-lhe armas em conformidade com o Taiwan Relations Act. Na esfera económica, as tarifas alfandegárias impostas pela Administração Trump, criticadas pelo candidato Biden durante a campanha presidencial, não foram abandonadas<sup>74</sup>. Recentemente, Katherine Tai, a representante do

Comércio dos Estados Unidos (USTR), indicou a sua disposição para negociar novos entendimentos com Pequim. Porém, sem revelar propostas específicas, insistiu que «é cada vez mais claro que os planos da China não incluem reformas significativas para responder às preocupações que têm sido partilhadas pelos Estados Unidos e muitos outros países»<sup>75</sup>.

A cooperação entre a China e os Estados Unidos tem sido virtualmente limitada à questão das alterações climáticas, com Xi Jinping a participar na cimeira climática virtual de Biden, de 22 de abril de 2021. Resta saber por quanto tempo será possível prosseguir uma relação de confronto e competição com a China. Se Biden enfatiza a reconstrução de parcerias com aliados para conter a China, os aliados – particularmente os europeus – congratulam-se com o «retorno» dos Estados Unidos ao multilateralismo, mas excluem o confronto com a China e a lógica de uma nova Guerra Fria. Por enquanto, Washington e os seus aliados não encontraram uma estratégia coerente capaz de conciliar a cooperação em questões de bens coletivos globais com a contenção no âmbito da segurança e da defesa. Atendendo a esta dificuldade, os Estados Unidos irão, previsivelmente, definir novas estruturas, como sejam o Quad e o Aukus, para englobar os aliados dispostos a avançar para uma estratégia de contenção. Em contrapartida, os aliados que se excluírem deste processo serão crescentemente marginalizados por uma potência cada vez mais centrada no Indo-Pacífico e nos desafios à ordem liberal suscitados pela República Popular da China. 

*Data de receção: 2 de setembro de 2021 | Data de aprovação: 30 de setembro de 2021*

---

**Vasco Rato** Doutor em Ciência Política pela Georgetown University (Estados Unidos). Professor de Relações Internacionais na Universidade Lusófona. Investigador do IPRI-NOVA. Foi presidente da Fundação Luso-Americana para

o Desenvolvimento (FLAD) entre 2014 e 2020.  
> Universidade Lusófona, Campo Grande, 376,  
1749-024 Lisboa (Portugal) | p5283@ulusofona.pt

**1** Cf. «POMPEO: Chinese threat may be worse than a Cold War 2.0». In *Politico*. 8 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2020/08/12/pompeo-chinese-threat-may-be-worse-than-cold-war-communism-394350>. Algum tempo antes, ainda no exercício do cargo de secretário de Estado, Pompeo, denunciando os parcos resultados do *engagement*, garantia que «fizemos muito para acomodar a ascensão da China na esperança de que a China comunista se tornasse mais livre, mais orientada para o mercado e, finalmente, mais democrática. E fizemo-lo durante muito tempo». Cf. «2019 HERMAN Kahn Award Remarks: US secretary of State Mike Pompeo on the China challenge». The Hudson Institute. 30 de outubro de 2019. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/media.hudson.org/Transcript\\_Secretary%20Mike%20Pompeo%20Hudson%20Award%20Remarks.pdf](https://s3.amazonaws.com/media.hudson.org/Transcript_Secretary%20Mike%20Pompeo%20Hudson%20Award%20Remarks.pdf). Todas as citações são traduções livres do autor.

**2** Para o desenvolvimento deste argumento, cf. RATO, Vasco – *De Mao a Xi: O Ressurgimento da China*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2020, pp. 157-188.

**3** Anthony Lake, o primeiro diretor do Conselho de Segurança Nacional (NSC) de Bill Clinton, delineou os pilares da Doutrina Clinton de «alargamento» num discurso proferido a 21 de setembro de 1991, na Johns Hopkins University. Cf. LAKE, Anthony – «From containment to enlargement». 21 de setembro de 1993. Disponível em: <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/lakedoc.html>. Sobre a Doutrina Clinton, ver «A NATIONAL Security Strategy of Engagement and Enlargement». The White House. Fevereiro de 1996. Disponível em: <https://www.hsds1.org/?view&did=444939>. Para uma discussão da Doutrina Clinton, ver BRINKLEY, Douglas – «Democratic enlargement: the Clinton Doctrine». In *Foreign Policy*. N.º 106, primavera de 1997, pp. 110-127, e DUMBRELL, J. – «Was there a Clinton Doctrine? President Clinton's foreign policy reconsidered». In *Diplomacy & Statecraft*. Vol. 13, N.º 22, 2002, pp. 43-56.

**4** No mesmo discurso, propondo um *engagement* contínuo, Clinton acrescentou que «qual é a melhor coisa a fazer para maximizar a chance de a China seguir o rumo certo e que, por causa disso, o mundo ficará mais livre, mais pacífico e mais próspero no século XXI? Não acredito que possamos trazer mudanças para a China se isolarmos a China das forças da mudança». Cf. «REMARKS by the President on foreign policy. Grand Hyatt Hotel, San Francisco, CA». The White House. 26 de fevereiro de 1999. Disponível em: <https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/clintfips.htm>.

**5** Expressando este ponto de vista, Bill Clinton, em 1997, afirmou que o «isolamento da China é impraticável, contraproducente e potencialmente perigoso. Medidas militares, políticas e económicas

para fazer isso encontrariam escasso apoio entre os nossos aliados no mundo e, mais importante, até mesmo entre os próprios chineses que trabalham em prol de maior liberdade. O isolamento encorajaria os chineses a tornarem-se hostis e a adotarem políticas em conflito com os nossos próprios interesses e valores. Dificultará, não facilitará, a cooperação no âmbito da proliferação de armas. Isso dificultaria, não ajudaria, os nossos esforços para promover a estabilidade na Ásia. Iria exacerbar, não melhorar, a situação dos dissidentes. Isso fecharia, não abriria, um dos mercados mais importantes do mundo. Isso tornaria a China menos, e não mais, propensa a seguir as regras de conduta internacional e a fazer parte de um consenso internacional emergente». Cf. «REMARKS by the President in Address on China and the national interest». The White House. Voice of America. Washington, DC. 24 de outubro de 1997. Disponível em: [https://1997-2001.state.gov/regions/eap/971024\\_clinton\\_china.html](https://1997-2001.state.gov/regions/eap/971024_clinton_china.html). Sobre a questão da paz interdemocrática, ver RATO, Vasco – «Mas são mesmo mais pacíficas?». In *Política Internacional*. N.º 18, outono-inverno de 1998, pp. 93-114.

**6** Cf. THU, Huong Le, ed. – *Quad 2.0: New Perspectives for the Revised Concept*. Camberra: Australian Strategic Policy Institute, 2019, p. 2. Disponível em: [https://s3-ap-southeast-2.amazonaws.com/ad-aspi/2019-02/SI134%20Quad%202.0%20New%20perspectives\\_0.pdf?Ml2ECFvmUJTTfzK.RsBlsskCRRaQEmf](https://s3-ap-southeast-2.amazonaws.com/ad-aspi/2019-02/SI134%20Quad%202.0%20New%20perspectives_0.pdf?Ml2ECFvmUJTTfzK.RsBlsskCRRaQEmf).

**7** Cf. THE WASHINGTON POST STAFF – «Donald Trump announces a presidential bid». In *The Washington Post*. 16 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2015/06/16/full-text-donald-trump-announces-a-presidential-bid/>.

**8** Cf. TAYLOR, Adam – «A timeline of Trump's complicated relationship with the TPP». In *The Washington Post*. 13 de abril de 2018. Consultado em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/04/13/a-timeline-of-trumps-complicated-relationship-with-the-tpp/>. Ver, também, SMITH, David – «Trump withdraws from Trans-Pacific Partnership amid flurry of order». In *The Guardian*. 23 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/23/donald-trump-first-orders-trans-pacific-partnership-tpp>. Trump não era o único a criticar o comportamento chinês. Hillary Clinton denunciara os abusos dos direitos humanos cometidos por Pequim e as insuficiências quanto à igualdade de género. Embora responsável pela implementação do «pivô», no início de outubro de 2015, faz um *volte-face* e declara a sua oposição ao TPP, sugerindo que o acordo não coincidia com o interesse nacional dos Estados Unidos.

**9** Cf. LANDLER, Mark; SANGER, David E. – «Trump speaks with Taiwan's leader, an affront to China». In *The New York Times*.

2 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/02/us/politics/trump-speaks-with-taiwans-leader-a-possible-affront-to-china.html>.

**10** Cf. LANDLER, Mark – «Trump suggests using bedrock China policy as bargaining chip». In *The New York Times*. 11 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/11/us/politics/trump-taiwan-one-china.html?action=click&contentCollection=Asia%20Pacific&module=RelatedCoverage&region=Margin&pgtype=article>. Pouco tempo depois, na sequência de um telefonema com Xi Jinping, Trump anuncia que, afinal, respeitaria a política da «China única». Ver LANDLER, Mark; FORSYTHE, Michael – «Trump tells Xi Jinping U.S. will honor "One China" policy». In *The New York Times*. 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/02/09/world/asia/donald-trump-china-xi-jinping-letter.html>.

**11** Cf. GASPAS, Carlos – *O Regresso da Anarquia: Os Estados Unidos, a Rússia, a China e a Ordem Internacional*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2019. Os entendimentos entre americanos e chineses relativos a Taiwan remontam à visita efetuada por Richard Nixon à RPC em fevereiro de 1972. Em resultado dessa deslocação, o Comunicado de Xangai anunciava a intenção das partes de normalizarem a relação bilateral. Nixon não contrariou a asserção das autoridades comunistas de que era «o único governo legal» do país e que «os chineses em ambos os lados do estreito de Taiwan afirmam que existe apenas uma China e que Taiwan é parte da China». Também excluiu a independência da Formosa, assim contornando o problema de quem governaria «uma China única». Mais tarde, o Consenso de 1992 confirma o *status quo* e Washington continua a promover um relacionamento privilegiado com Taipé. Essa realidade leva Bill Clinton – durante a sua visita de junho de 1998 à RPC – a declarar que «não apoiamos a independência de Taiwan, ou duas Chinas, ou um Taiwan-uma China. E não acreditamos que Taiwan deva ser membro de qualquer organização para a qual a condição de Estado é uma exigência». Estes «três nãos» de Clinton visavam congelar um *status quo* crescentemente insatisfatório tanto para Pequim como para Taipé, onde aumentava o sentimento independentista. Mantinha-se, também, a «ambiguidade estratégica» americana, isto é, a ambiguidade quanto à natureza da resposta a ser dada pela Casa Branca caso a RPC procedesse à unificação pela força. Foi precisamente este estado de coisas que Donald Trump desafiou quando aceitou receber uma chamada telefónica de Tsai Ing-wen. Cf. KAN, Shirley A. – «China/Taiwan: evolution of the "One China" policy – key statements from Washington, Beijing, and Taipei». CRS Report for Congress, Updated March 12, 2001, p. CRS-39. Disponível em: [https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metacrs9896/m1/1/high\\_res\\_d/RL30341\\_2006Sep07.pdf](https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metacrs9896/m1/1/high_res_d/RL30341_2006Sep07.pdf).

- 12 A pesquisa de campo foi efetuada entre 13 de maio e 18 de junho de 2019, um período marcado pelo aumento das tensões comerciais entre os Estados Unidos e a China. Tanto democratas como republicanos expressaram opiniões desfavoráveis, embora «a opinião republicana seja um pouco mais negativa: 70% dos republicanos e independentes que apoiam os republicanos têm uma opinião desfavorável, em comparação com 59% dos democratas e independentes de tendência democrata». Cf. SILVER, Laura; DEVLIN, Kat; HUANG, Christine – «US views of China turn sharply negative Amid trade tensions». Pew Research Center: Global Attitudes and Trends. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2019/08/13/u-s-views-of-china-turn-sharply-negative-amid-trade-tensions>.
- 13 Cf. «NATIONAL Security Strategy of the United States of America». The White House. Dezembro de 2017, p. 25. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>. Para uma discussão, ver HUIYUN, Feng – «Is China a revisionist power?». In *The Chinese Journal of International Politics*. Vol. 2, N.º 3, verão de 2009, pp. 313-334.
- 14 Cf. «NATIONAL Security Strategy of the United States of America», p. 2. Para uma discussão do documento, ver WEAVER, John M. – «The 2017 National Security Strategy of the United States». In *Journal of Strategic Security*. Vol. 11, N.º 1, 2018, pp. 62-71.
- 15 «SECRETARY Antony J. Blinken, National Security advisor Jake Sullivan, director Yang and State counselor Wang at the top of their meeting». US Department of State. 18 de março de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/secretary-antony-j-blinken-national-security-advisor-jake-sullivan-chinese-director-of-the-office-of-the-central-commission-for-foreign-affairs-yang-jiechi-and-chinese-state-counselor-wang-yi-at-th/>.
- 16 Recentemente, dois veteranos da Administração Obama, Kurt Campbell e Ely Ratner, responsáveis pela condução da política asiática da Administração Obama, descreveram a China como o «concorrente mais dinâmico e formidável da América na história moderna» e concedem que as premissas subjacentes à tradicional política dos Estados Unidos «começam a parecer cada vez mais ténues». Cf. CAMPBELL, Kurt M.; RATNER, Ely – «The China reckoning: how Beijing defied American expectations». In *Foreign Affairs*. Vol. 97, N.º 2, março-abril de 2018, p. 70. Para uma perspectiva diferente, ver ZAKARIA, Fareed – «The new China scare: why America shouldn't panic about its latest challenger». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 1, janeiro-fevereiro de 2020, pp. 52-69.
- 17 Cf. STRACQUALURSI, Veronica – «Biden downplays Chinese economic competition, drawing criticism from Republicans and Sanders». CNN. 2 de maio de 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/05/02/politics/joe-biden-china-threat-united-states/index.html>. Porém, na primavera de 2020, Biden publica um artigo na revista *Foreign Affairs* em que define a China como a «verdadeira ameaça econômica» e, por conseguinte, concluiu que era necessário ser «duro» com o país. Cf. BIDEN, Joseph R. – «Why America must lead again: rescuing US foreign policy after Trump». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 2, março-abril de 2020, pp. 64-76.
- 18 BRUNNSTROM, David; PAMUK, Humeyra – «U.S. secretary of State nominee Blinken sees strong foundation for bipartisan China policy». Reuters. 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-biden-state-china-idUSKBN2902GB>.
- 19 Cf. «READOUT of President Joseph R. Biden, Jr. call with President Xi Jinping of China». 10 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/02/10/readout-of-president-joseph-r-biden-jr-call-with-president-xi-jinping-of-china/>.
- 20 Cf. «Xi speaks with Biden on phone». Xinhua. 11 de fevereiro de 2021. Disponível em: [http://www.xinhuanet.com/english/2021-02/11/c\\_139737284.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2021-02/11/c_139737284.htm).
- 21 Para a estratégia de Obama, ver «NATIONAL Security Doctrine». The White House. Maio de 2010. Disponível em: [https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss\\_viewer/national\\_security\\_strategy.pdf](https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf).
- 22 «INTERIM National Security Strategic Guidance». The White House. Março de 2021, p. 8. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>.
- 23 *Ibidem*.
- 24 BLINKEN, Antony J.; AUSTIN, Lloyd J. – «America's partnerships are "force multipliers" in the world». In *The Washington Post*. 14 de março de 2021. Consultado em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/03/14/americas-partnerships-are-force-multipliers-world/>.
- 25 *Ibidem*.
- 26 *Ibidem*.
- 27 *Ibidem*.
- 28 *Ibidem*.
- 29 *Ibidem*.
- 30 Cf. SHELBOURNE, Mallory – «Davidson: China could try to take control of Taiwan in "next six years"». USNI News. 9 de março de 2021. Disponível em: <https://news.usni.org/2021/03/09/davidson-china-could-try-to-take-control-of-taiwan-in-next-six-years>.
- 31 Ver, «US WANTS Japan, South Korea to become bigger bargaining chips». In *Global Times*. 15 de março de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202103/1218474.shtml>.
- 32 *Ibidem*.
- 33 *Ibidem*.
- 34 *Ibidem*.
- 35 Cf. LAMOTHE, Dan – «In Japan, top Biden Administration officials attempt to set the tone on China». In *The Washington Post*. 15 de março de 2021, disponível em: <https://www.washingtonpost.com/national-security/2021/03/15/blinken-austin-china-asia-allies/>.
- 36 Reunindo com Chung Eui-yong, o ministro dos Negócios Estrangeiros sul-coreano, Blinken acautelou que «a China está a usar a coerção para sistematicamente corroer a autonomia de Hong Kong, minar a democracia em Taiwan, abusar dos direitos humanos em Xinjiang e no Tibete, e fazer valer as suas reivindicações marítimas no mar do Sul da China que violam o Direito Internacional». Cf. SHIN, Hyonhee; PAMUK, Humeyra – «Blinken blasts "aggressive" China, North Korea's "systemic, widespread" rights abuses». Reuters. 17 de março de 2021. Consultado em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-asia-blinken-idUSKBN2B9097>.
- 37 Sobre o *bandwaggoning*, ver, *inter alia*, WALT, Stephen – «Alliances in a unipolar world». In *World Politics*. Vol. 61, N.º 1, 2009, pp. 1-27; LAYNE, Christopher – «The unipolar illusion revisited: the coming end of the United States unipolar moment». In *International Security*. Vol. 31, N.º 2, 2006, pp. 7-41; WALTZ, Kenneth – «Structural realism after the Cold War». In *International Security*. Vol. 25, N.º 1, 2000, pp. 5-41; WOHLFORTH, William – «The stability of a unipolar world». In *International Security*. Vol. 24, N.º 1, 1999, pp. 5-41; MEARSHEIMER, John J. – «The false promise of international institutions». In *International Security*. Vol. 19, N.º 3, 1994, pp. 5-49; VAN EVERA, Stephen – «Primed for peace: Europe after the Cold War». In *International Security*. Vol. 15, N.º 3, 1990-1991, pp. 7-57; e WALT, Stephen – *The Origins of Alliances*. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 1987.
- 38 «HONG Kong autonomy act updated. Press statement, Antony J. Blinken». US Department of State. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/hong-kong-autonomy-act-update/>.
- 39 Cf. TWITTER. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://twitter.com/ambcuiatiankai/status/1372284342102339589>.
- 40 Cf. MARTINA, Michael; TIAN, Yew Lun; PAMUK, Humeyra – «Bolstered by allies, Biden officials take blunt message to first China talks». Reuters. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-china-alaska-idUSKBN2B90FU>.
- 41 EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN IRELAND – «Foreign Ministry Spokesperson Zhao Lijian's remarks on U.S. Secretary of State Blinken's statement». 11 de março de 2021. Disponível em: <http://ie.china-embassy.org/eng/fyrth/t1860254.htm>.



- 42 *ibidem*.
- 43 Ver, MARTINA, Michael; TIAN, Yew Lun; PAMUK, Humeyra – «Bolstered by allies...».
- 44 HANSLER, Jennifer; GAQUETTE, Nicole; ATWOOD, Kylie – «US and China trade barbs after Blinken warns of need to respect global order or face a "more violent world"». CNN. 19 de março de 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/03/18/politics/blinken-sullivan-china-alaska-meetings/index.html>.
- 45 «SECRETARY Antony J. Blinken and National Security advisor Jake Sullivan statements to the press». Hotel Captain Cook, Anchorage, Alaska. US Department of State. 19 de março de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/secretary-antony-j-blinden-and-national-security-advisor-jake-sullivan-statements-to-the-press/>.
- 46 *ibidem*.
- 47 *ibidem*.
- 48 *ibidem*.
- 49 *ibidem*.
- 50 Cf. «AFGHAN abandonment a lesson for Taiwan's DPP: Global Times editorial». In *Global Times*. 16 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202108/1231636.shtml>.
- 51 Cf. HSU, Stacy; YEH, Joseph – «Blinken reiterates U.S. commitment to Taiwan in Afghanistan withdrawal hearing». Focus Taiwan. 14 de setembro de 2021. Disponível em: <https://focustaiwan.tw/politics/202109140005>.
- 52 «REMARKS by President Biden, Prime Minister Morrison of Australia, and Prime Minister Johnson of the United Kingdom announcing the creation of AUKUS». The White House. 15 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/09/15/remarks-by-president-biden-prime-minister-morrison-of-australia-and-prime-minister-johnson-of-the-united-kingdom-announcing-the-creation-of-aukus/>.
- 53 BROWN, Alexander – «Boris Johnson insists Aukus nuclear-powered submarines "not intended to be adversarial"». The Scotsman. 16 de setembro de 2021. Consultado em: <https://www.scotsman.com/news/politics/boris-johnson-insists-aukus-nuclear-powered-submarines-not-intended-to-be-adversarial-3385266>.
- 54 Em contraste, Paul Keating, ex-primeiro-ministro do Partido Trabalhista e conselheiro do Banco de Desenvolvimento da China, afirmou que a «dependência» relativa aos Estados Unidos retirava «qualquer liberdade ou escolha em qual-quer compromisso» que o país pudesse considerar «apropriado». Cf. KEATING, Paul – «This pact ties Australia to any US military engagement against China». In *The Sydney Morning Herald*. 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.smh.com.au/national/this-pact-ties-australia-to-any-us-military-engagement-against-china-20210916-p58s5k.html>.
- 55 Cf. MCGUIRK, Rod – «Australia: strategic shifts led it to acquire nuclear subs». AP News. 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://apnews.com/article/joe-biden-business-france-europe-united-states-96f95120345a56d950961b41a74d9355>.
- 56 EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN THE UNITED KINGDOM – «Chinese Foreign Ministry Spokesperson's remarks on the US, UK and Australia announcing a new military partnership». 16 de setembro de 2021. Disponível em: <http://www.chinese-embassy.org.uk/eng/PressandMedia/Spokespersons/t1907973.htm>.
- 57 *ibidem*.
- 58 WEI, Lingling – «China seeks to join pacific trade pact after U.S. forms new security alliance». In *The Wall Street Journal*. 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/china-seeks-to-join-pacific-trade-pact-after-u-s-forms-new-security-alliance-11631813201>.
- 59 Sobre a atuação da PRC nas organizações internacionais, ver TROFIMOV, Yaroslav; HINSHAW, Drew; O'KEEFE, Kate – «How China is taking over international organizations, one vote at a time». In *The Wall Street Journal*. 29 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/how-china-is-taking-over-international-organizations-one-vote-at-a-time-11601397208>.
- 60 Cf. THE STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA – «China's National Defense in the new era». Julho de 2019. Disponível em: [http://english.www.gov.cn/archive/white-paper/201907/24/content\\_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html](http://english.www.gov.cn/archive/white-paper/201907/24/content_WS5d3941ddc6d08408f502283d.html).
- 61 Cf. «A FREE and open Indo-Pacific: advancing a shared vision». US Department of State. 4 de novembro de 2019, p. 5. Disponível em: <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2019/11/Free-and-Open-Indo-Pacific-4Nov2019.pdf>.
- 62 Cf. «NATIONAL Security Strategy of the United States of America», p. 46.
- 63 Cf. LEE, Pearl – «PM Lee Hsien Loong warns of harm to US' standing if TPP isn't ratified». In *The Straits Times*. 27 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.straitstimes.com/singapore/pm-lee-warns-of-harm-to-us-standing-if-tpp-isnt-ratified>.
- 64 Cf. THE STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA – «China's National Defense in the new era», n. p.
- 65 *ibidem*, n. p.
- 66 *ibidem*, n. p.
- 67 Para mais detalhes, ver BROWN, Kerry; HUI, Kalley Wu Tzu – *The Trouble with Taiwan: History, the United States and a Rising China*. Londres: Zed Books, 2019.
- 68 «INCREASING People's Republic of China military pressure against Taiwan undermines regional peace and stability. Press statement». US Department of State. 3 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/increasing-peoples-republic-of-china-military-pressure-against-taiwan-undermines-regional-peace-and-stability/>.
- 69 *ibidem*.
- 70 Cf. CHIACU, Doina – «Blinken warns of China's "increasingly aggressive actions" against Taiwan». Reuters. 11 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/blinken-warns-chinas-increasingly-aggressive-actions-against-taiwan-2021-04-11/>.
- 71 Cf. «CHINA'S iron will stronger than US' "rock solid" commitment to Taiwan: Global Times editorial». In *Global Times*. 14 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202110/1236363.shtml>.
- 72 *ibidem*.
- 73 *ibidem*.
- 74 PRAMUK, Jacob – «Biden slams Trump's trade war even as he calls to "get tough" on China». CNBC. 11 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2019/07/11/joe-biden-slams-trump-china-trade-war-in-foreign-policy-speech.html>. Para o texto integral do discurso, ver «REMARKS as prepared for delivery by Vice President Joe Biden in New York City, New York». 11 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.democracyinaction.us/2020/biden/bidenpolicy071119foreignpolicy.html>.
- 75 Cf. «REMARKS as prepared for delivery of ambassador Katherine Tai outlining the Biden-Harris Administration's "New Approach to the U.S.-China Trade Relationship"». Office of the United States Trade Representative. 4 de outubro de 2021. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2021/october/remarks-prepared-delivery-ambassador-katherine-tai-outlining-biden-harris-administrations-new>.

## BIBLIOGRAFIA

- «A FREE and open Indo-Pacific: advancing a shared vision». US Department of State. 4 de novembro de 2019, p. 5. Disponível em: <https://www.state.gov/wp-content/uploads/2019/11/Free-and-Open-Indo-Pacific-4Nov2019.pdf>.
- «A NATIONAL Security Strategy of Engagement and Enlargement». The White House. Fevereiro de 1996. Disponível em: <https://www.hsdl.org/?view&did=444939>.
- «AFGHAN abandonment a lesson for Taiwan's DPP: Global Times editorial». In *Global Times*. 16 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202108/1231636.shtml>.
- BIDEN, Joseph R. – «Why America must lead again: rescuing US foreign policy after Trump». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 2, março-abril de 2020, pp. 64-76.
- BIDEN, President Joseph R., Jr. – *Interim National Security Strategic Guidance*. The White House. Março de 2021, p. 8. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>.
- BLINKEN, Antony J.; AUSTIN, Lloyd J. – «America's partnerships are "force multipliers" in the world». In *The Washington Post*. 14 de março de 2021. Consultado em: <https://www.washingtonpost.com/opinions/2021/03/14/americas-partnerships-are-force-multipliers-world/>.
- BRINKLEY, Douglas – «Democratic enlargement: the Clinton Doctrine». In *Foreign Policy*. N.º 106, primavera de 1997, pp. 110-127.
- BROWN, Alexander – «Boris Johnson insists Aukus nuclear-powered submarines "not intended to be adversarial"». The Scotsman. 16 de setembro de 2021. Consultado em: <https://www.scotsman.com/news/politics/boris-johnson-insists-aukus-nuclear-powered-submarines-not-intended-to-be-adversarial-3385266>.
- BROWN, Kerry; HUI, Kalley Wu Tzu – *The Trouble with Taiwan: History, the United States and a Rising China*. Londres: Zed Books, 2019.
- BRUNNSTROM, David; PAMUK, Humeyra – «U.S. secretary of State nominee Blinken sees strong foundation for bipartisan China policy». Reuters. 19 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-biden-state-china-idUSKBN29026B>.
- CAMPBELL, Kurt M.; RATNER, Ely – «The China reckoning: how Beijing defied American expectations». In *Foreign Affairs*. Vol. 97, N.º 2, março-abril de 2018, p. 70.
- CHIAJU, Doina – «Blinken warns of China's "increasingly aggressive actions" against Taiwan». Reuters. 11 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/china/blinken-warns-chinas-increasingly-aggressive-actions-against-taiwan-2021-04-11/>.
- «CHINA'S iron will stronger than US' "rock solid" commitment to Taiwan: Global Times editorial». In *Global Times*. 14 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202110/1236363.shtml>.
- «2019 HERMAN Kahn Award Remarks: US secretary of State Mike Pompeo on the China challenge». The Hudson Institute. 30 de outubro de 2019. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/media-hudson.org/Transcript\\_Secretary%20Mike%20Pompeo%20Hudson%20Award%20Remarks.pdf](https://s3.amazonaws.com/media-hudson.org/Transcript_Secretary%20Mike%20Pompeo%20Hudson%20Award%20Remarks.pdf).
- DUMBRELL, J. – «Was there a Clinton Doctrine? President Clinton's foreign policy reconsidered». In *Diplomacy & Statecraft*. Vol. 13, N.º 22, 2002, pp. 43-56.
- EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN IRELAND – «Foreign Ministry Spokesperson Zhao Lijian's remarks on U.S. Secretary of State Blinken's statement». 11 de março de 2021. Disponível em: <http://ie.china-embassy.org/eng/fyrth/t1860254.htm>.
- EMBASSY OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA IN THE UNITED KINGDOM – «Chinese Foreign Ministry Spokesperson's remarks on the US, UK and Australia announcing a new military partnership». 16 de setembro de 2021. Disponível em: <http://www.chinese-embassy.org.uk/eng/PressandMedia/Spokepersont1907973.htm>.
- GASPAR, Carlos – *O Regresso da Anarquia: Os Estados Unidos, a Rússia, a China e a Ordem Internacional*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2019.
- HANSLER, Jennifer; GAUJETTE, Nicole; ATWOOD, Kylie – «US and China trade barbs after Blinken warns of need to respect global order or face a "more violent world"». CNN. 19 de março de 2021. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2021/03/18/politics/blinken-sullivan-china-alaska-meetings/index.html>.
- «HONG Kong autonomy act updated. Press statement, Antony J. Blinken». US Department of State. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/hong-kong-autonomy-act-update/>.
- HSU, Stacy; YEH, Joseph – «Blinken reiterates U.S. commitment to Taiwan in Afghanistan withdrawal hearing». Focus Taiwan. 14 de setembro de 2021. Disponível em: <https://focustaiwan.tw/politics/202109140005>.
- HUIYUN, Feng – «Is China a revisionist power?». In *The Chinese Journal of International Politics*. Vol. 2, N.º 3, verão de 2009, pp. 313-334.
- «INCREASING People's Republic of China military pressure against Taiwan under-
- mines regional peace and stability. Press statement». US Department of State. 3 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/increasing-peoples-republic-of-china-military-pressure-against-taiwan-undermines-regional-peace-and-stability/>.
- «INTERIM National Security Strategic Guidance». The White House. Março de 2021, p. 8. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2021/03/NSC-1v2.pdf>.
- KAN, Shirley A. – «China/Taiwan: evolution of the "One China" policy – key statements from Washington, Beijing, and Taipei». CRS Report for Congress, Updated March 12, 2001, p. CRS-39. Disponível em: [https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metacrs9896/m1/1/high\\_res\\_d/RL30341\\_2006Sep07.pdf](https://digital.library.unt.edu/ark:/67531/metacrs9896/m1/1/high_res_d/RL30341_2006Sep07.pdf).
- KEATING, Paul – «This pact ties Australia to any US military engagement against China». In *The Sydney Morning Herald*. 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.smh.com.au/national/this-pact-ties-australia-to-any-us-military-engagement-against-china-20210916-p58s5k.html>.
- LAKE, Anthony – «From containment to enlargement». 21 de setembro de 1993. Disponível em: <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/lakedoc.html>.
- LAMOTHE, Dan – «In Japan, top Biden Administration officials attempt to set the tone on China». In *The Washington Post*. 15 de março de 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/national-security/2021/03/15/blinken-austin-china-asia-atlies/>.
- LANDLER, Mark – «Trump suggests using bedrock China policy as bargaining chip». In *The New York Times*. 11 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/11/us/politics/trump-taiwan-one-china.html?action=click&contentCollection=Asia%20Pacific&module=RelatedCoverage&region=Marginalia&pgtype=article>.
- LANDLER, Mark; FORSYTHE, Michael – «Trump tells Xi Jinping U.S. will honor "One China" policy». In *The New York Times*. 9 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/02/09/world/asia/donald-trump-china-xi-jinping-letter.html>.
- LANDLER, Mark; SANGER, David E. – «Trump speaks with Taiwan's leader, an affront to China». In *The New York Times*. 2 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/12/02/us/politics/trump-speaks-with-taiwans-leader-a-possible-affront-to-china.html>.
- LAYNE, Christopher – «The unipolar illusion revisited: the coming end of the United States unipolar moment». In *International Security*. Vol. 31, N.º 2, 2006, pp. 7-41.

LEE, Pearl – «PM Lee Hsien Loong warns of harm to US' standing if TPP isn't ratified». In *The Straits Times*. 27 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.straitstimes.com/singapore/pm-lee-warns-of-harm-to-us-standing-if-tpp-isnt-ratified>.

MARTINA, Michael; TIAN, Yew Lun; PAMUK, Humeyra – «Bolstered by allies, Biden officials take blunt message to first China talks». Reuters. 17 de março de 2021. Disponível em <https://www.reuters.com/article/us-usa-china-alaska-idUSKBN2B90FU>.

MCGUIRK, Rod – «Australia: strategic shifts led it to acquire nuclear subs». AP News. 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://apnews.com/article/joe-biden-business-france-europe-united-states-96f95120345a564950961b41a74d9355>.

MEARSHEIMER, John J. – «The false promise of international institutions». In *International Security*. Vol. 19, N.º 3, 1994, pp. 5-49.

«NATIONAL Security Doctrine». The White House. Maio de 2010. Disponível em: [https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss\\_viewer/national\\_security\\_strategy.pdf](https://obamawhitehouse.archives.gov/sites/default/files/rss_viewer/national_security_strategy.pdf).

«NATIONAL Security Strategy of the United States of America». The White House. Dezembro de 2017. Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>.

«POMPEO: Chinese threat may be worse than a Cold War 2.0». In *Politico*. 8 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.politico.com/news/2020/08/12/pompeo-chinese-threat-may-be-worse-than-cold-war-communism-394350>.

PRAMUK, Jacob – «Biden slams Trump's trade war even as he calls to "get tough" on China». CNBC. 11 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2019/07/11/joe-biden-slams-trump-china-trade-war-in-foreign-policy-speech.html>.

RATO, Vasco – «Mas são mesmo mais pacíficas?». In *Política Internacional*. N.º 18, outono-inverno de 1998, pp. 93-114.

RATO, Vasco – *De Mao a Xi: O Ressurgimento da China*. Lisboa: Alêtheia Editores, 2020, pp. 157-188.

«READOUT of President Joseph R. Biden, Jr. call with President Xi Jinping of China». 10 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/02/10/readout-of-president-joseph-r-biden-jr-call-with-president-xi-jinping-of-china/>.

«REMARKS as prepared for delivery by Vice President Joe Biden in New York City, New York». 11 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.democracyinaction.us/2020/biden/bidenpolicy071119foreignpolicy.html>.

«REMARKS as prepared for delivery of ambassador Katherine Tai outlining the Biden-Harris Administration's "New Approach to the U.S.-China Trade Relationship"». Office of the United States Trade Representative. 4 de outubro de 2021. Disponível em: <https://ustr.gov/about-us/policy-offices/press-office/press-releases/2021/october/remarks-prepared-delivery-ambassador-katherine-tai-outlining-biden-harris-administrations-new>.

«REMARKS by President Biden, Prime Minister Morrison of Australia, and Prime Minister Johnson of the United Kingdom announcing the creation of AUKUS». The White House. 15 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/speeches-remarks/2021/09/15/remarks-by-president-biden-prime-minister-morrison-of-australia-and-prime-minister-johnson-of-the-united-kingdom-announcing-the-creation-of-aukus/>.

«REMARKS by the President in Address on China and the national interest». The White House. Voice of America. Washington, DC. 24 de outubro de 1997. Disponível em: [https://1997-2001.state.gov/regions/eap/971024\\_clinton\\_china.html](https://1997-2001.state.gov/regions/eap/971024_clinton_china.html).

«REMARKS by the President on foreign policy. Grand Hyatt Hotel, San Francisco, CA». The White House. 26 de fevereiro de 1999. Disponível em: <https://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/clintfpts.htm>.

«SECRETARY Antony J. Blinken and National Security advisor Jake Sullivan statements to the press». Hotel Captain Cook, Anchorage, Alaska. US Department of State. 19 de março de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/secretary-antony-j-blinken-and-national-security-advisor-jake-sullivan-statements-to-the-press/>.

«SECRETARY Antony J. Blinken, National Security advisor Jake Sullivan, director Yang and State counselor Wang at the top of their meeting». US Department of State. 18 de março de 2021. Disponível em: <https://www.state.gov/secretary-antony-j-blinken-national-security-advisor-jake-sullivan-chinese-director-of-the-office-of-the-central-commission-for-foreign-affairs-yang-jiechi-and-chinese-state-counselor-wang-yi-at-th/>.

SHELBOURNE, Mallory – «Davidson: China could try to take control of Taiwan in "next six years"». USNI News. 9 de março de 2021. Disponível em: <https://news.usni.org/2021/03/09/davidson-china-could-try-to-take-control-of-taiwan-in-next-six-years>.

SHIN, Hyonhee; PAMUK, Humeyra – «Blinken blasts "aggressive" China, North Korea's "systemic, widespread" rights abuses». Reuters. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-asia-blinken-idUSKBN2B9097>.

SILVER, Laura; DEVLIN, Kat; HUANG, Christine – «US views of China turn

sharply negative Amid trade tensions». Pew Research Center: Global Attitudes and Trends. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/global/2019/08/13/u-s-views-of-china-turn-sharply-negative-amid-trade-tensions>.

SMITH, David – «Trump withdraws from Trans-Pacific Partnership amid flurry of order». In *The Guardian*. 23 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2017/jan/23/donald-trump-first-orders-trans-pacific-partnership-tpp>.

STRACQUALURSI, Veronica – «Biden downplays Chinese economic competition, drawing criticism from Republicans and Sanders». CNN. 2 de maio de 2019. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2019/05/02/politics/joe-biden-china-threat-united-states/index.html>.

TAYLOR, Adam – «A timeline of Trump's complicated relationship with the TPP». In *The Washington Post*. 13 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2018/04/13/a-timeline-of-trumps-complicated-relationship-with-the-tpp/>.

THE STATE COUNCIL INFORMATION OFFICE OF THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA – «China's National Defense in the new era». Julho de 2019. Disponível em: [http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content\\_WS5d3941ddc608408f502283d.html](http://english.www.gov.cn/archive/whitepaper/201907/24/content_WS5d3941ddc608408f502283d.html).

THE WASHINGTON POST STAFF – «Donald Trump announces a presidential bid». In *The Washington Post*. 16 de junho de 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2015/06/16/full-text-donald-trump-announces-a-presidential-bid/>.

THU, Huong Le, ed. – *Quad 2.0: New Perspectives for the Revised Concept*. Canberra: Australian Strategic Policy Institute, 2019, p. 2. Disponível em: [https://s3-ap-southeast-2.amazonaws.com/ad-aspi/2019-02/SI134%20Quad%202.0%20New%20perspectives\\_0.pdf?M12ECFvM UJTTF2K.RsBlsskCRRaQEmP](https://s3-ap-southeast-2.amazonaws.com/ad-aspi/2019-02/SI134%20Quad%202.0%20New%20perspectives_0.pdf?M12ECFvM UJTTF2K.RsBlsskCRRaQEmP).

TROFIMOV, Yaroslav; HINSHAW, Drew; O'KEEFE, Kate – «How China is taking over international organizations, one vote at a time». In *The Wall Street Journal*. 29 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/how-china-is-taking-over-international-organizations-one-vote-at-a-time-11601397208>.

TWITTER. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://twitter.com/ambcuietiankai/status/1372284342102339589>.

«US WANTS Japan, South Korea to become bigger bargaining chips». In *Global Times*. 15 de março de 2021. Disponível em: <https://www.globaltimes.cn/page/202103/1218474.shtml>.

VAN EVERA, Stephen – «Primed for peace: Europe after the Cold War». In *International Security*. Vol. 15, N.º 3, 1990-1991, pp. 7-57.

WALT, Stephen – *The Origins of Alliances*. Ithaca, Nova York: Cornell University Press, 1987.

WALT, Stephen – «Alliances in a unipolar world». In *World Politics*. Vol. 61, N.º 1, 2009, pp. 1-27.

WALTZ, Kenneth – «Structural realism after the Cold War». In *International Security*. Vol. 25, N.º 1, 2000, pp. 5-41.

WEAVER, John M. – «The 2017 National Security Strategy of the United States». In *Journal of Strategic Security*. Vol. 11, N.º 1, 2018, pp. 62-71.

WEI, Lingling – «China seeks to join Pacific trade pact after U.S. forms new security alliance». In *The Wall Street Journal*. 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.wsj.com/articles/china-seeks-to-join-pacific-trade-pact-after-u-s-forms-new-security-alliance-11631813201>.

WOHLFORTH, William – «The stability of a unipolar world». In *International Security*. Vol. 24, N.º 1, 1999, pp. 5-41.

«Xi speaks with Biden on phone». Xinhua. 11 de fevereiro de 2021. Disponível em: [http://www.xinhuanet.com/english/2021-02/11/c\\_139737284.htm](http://www.xinhuanet.com/english/2021-02/11/c_139737284.htm).

ZAKARIA, Fareed – «The new China scare: why America shouldn't panic about its latest challenger». In *Foreign Affairs*. Vol. 99, N.º 1, janeiro-fevereiro de 2020, pp. 52-69.